



MINHA ALUNA QUEIMA FUMO

Jorge Claudio Ribeiro

Minha (posso?) querida aluna

Pois é, aconteceu. Não foi de repente. Já naquela sexta-feira notei alguma coisa esquisita no teu jeito meio eufórico, meio misterioso de cumprimentar. Você estava numa rodinha de colegas, na rampa, ali perto da entrada do ginásio, onde havia uma festa. Durante as aulas, claro, eu estranhava sua dificuldade de concentração, agravada pela inassiduidade, complementada pela irritante insistência em não deixar a aula deslanchar. Tudo bem, pentelhações da juventude?

Quanto aos demais, já começava a me acostumar com o cheiro da erva (às vezes, a gostar dele, admito) quando passava ali pela viradinha da sala de convivência ou pelos lances intermediários de escada do prédio novo. Cheguei a ver jovens cheirando um pòzinho, na maior desenvoltura, embalados por metros cúbicos de cerveja e pelo som de caixas enormes. Do pátio para o muuundo! Também permanecia meio indiferente quando alguns professores mais exaltados cobravam providências da direção da escola. Mas afinal, tratava-se sempre de alunos dos outros. Da mesma forma que se tratava de filhos dos outros.

Aí aconteceu. Não foi de repente mesmo, já o disse. Sem explicações, você e sua amiga predileta saíram de sala, bem na hora em que me virei para o quadro negro e peguei o último toco de giz ("essa escola é bem relaxada", pensei) para completar minha lição. Como dedo não escreve, fui à secretaria buscar mais giz quando deparei com vocês duas fabricando "unzinho" (no meu tempo se chamava "pacau"), debaixo da jabuticabeira. "Desculpe", ouvi-a sussurrar, com o sorriso mais amarelo que vi na minha vida. Amarelei também e não disse nada.

Tá bom, não tem de quê; mesmo porque você não me ofendeu. Há até quem discuta se a maconha faz algum mal. Mas só desculpo se você me perdoar.

Perdoar esses anos todos em que assisti impotente (uau!) essas coisas – de suma importância para você – invadirem o chamado recinto escolar e não Ter sido capaz de, junto com meus colegas eméritos educadores de uma das melhores instituições do Brasil, ter dado uma resposta pedagógica a ela. Aliás, não dei resposta a nada. Prefери ostentar competência na minha matéria, investir numa relação meia-bomba entre professor e aluno, refugiar-me no cumprimento de prazos e portarias. Tranqueira bem distante da sua vida.

Aconteceu. Perdi a inocência. Continuo sem saber o que fazer. Só que dessa vez eu sei disso, e não me conformo. Aquele cigarro de maconha tem um rosto conhecido por trás dele. Não mais os alunos dos outros. Não mais a filha dos outros.

Jorge Claudio Ribeiro - Professor, Doutor Departamento de Teologia e

Ciências da Religião da PUC/SP

(www.psicopedagogia.com.br)